

UM ESTUDO ESTÉTICO E POLÍTICO DO FILME AVATAR DE 2009

João Vitor Valdomiro Rodrigues da Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Rodrigo Correa Gontijo (Orientador). E-mail: ra123898@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Comunicação / Comunicação visual

Palavras-chave: Estética; Cinema; Colonialismo

RESUMO

A pesquisa analisa o filme Avatar (2009) sob uma perspectiva estética e política. Com base em uma metodologia qualitativa, a análise fundamenta-se nas abordagens teóricas de Shohat e Stam (2006), com subsídios metodológicos de Vanoye e Goliot-Lété (1994) e Penafria (2009). O filme foi segmentado e submetido a uma análise detalhada das cenas. Os resultados indicam que os elementos cinematográficos contribuem para a narrativa e a imersão do espectador. A discussão revela que, apesar de criticar o colonialismo, o filme perpetua uma estrutura de poder que privilegia personagens eurocêntricos. Conclui-se que a relação entre estética e política em Avatar (2009) ratifica a crítica dos autores aos filmes de entretenimento, que seguem o tradicional modelo colonial e extrativista.

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo analisar o filme Avatar (2009) sob uma perspectiva estética e política, com o intuito de refletir sobre o papel sociopolítico do cinema contemporâneo. Buscou-se investigar os aspectos formais do filme e como sua composição estética pode influenciar o espectador, particularmente em termos de suas implicações políticas. Além disso, a pesquisa se propôs a relacionar os elementos visuais que compõem a narrativa fílmica com valores e perspectivas políticas presentes em outros contextos sociais.

A investigação foi conduzida por meio de um levantamento e análise de estudos relevantes sobre o tema, seguido por uma análise fílmica do filme Avatar (2009). A interpretação dos dados coletados foi realizada de forma qualitativa, considerando tanto os elementos visuais quanto narrativos.

A fundamentação teórica desta pesquisa foi orientada pelos estudos de Shohat e Stam (2006), que fornecem uma perspectiva crítica sobre colonialismo e representações culturais no cinema. Vanoye e Goliot-Lété (1994), juntamente com Penafria (2009), ofereceram subsídios metodológicos, propondo a decomposição do filme para analisar seus elementos visuais e narrativos como partes significativas de um todo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa fundamentou-se nas teorias de Shohat e Stam (2006), que fornecem uma base crítica para a análise das questões de colonialismo e representações culturais. Vanoye e Goliot-Lété (1994) e Penafria (2009) ofereceram a estrutura metodológica necessária para a análise qualitativa dos elementos cinematográficos de Avatar (2009). A revisão de literatura incluiu textos recentes e acessíveis sobre o filme, que abordam sua potencialidade como ferramenta educativa, além de análises sobre sua narrativa, distribuição e produção. A partir de uma abordagem comparativa, foram identificadas convergências e divergências entre os autores, gerando um pequeno panorama de como o filme é percebido.

O levantamento de dados focou na versão comercial de Avatar (2009), analisada em sua totalidade. O filme foi dividido por sua estrutura narrativa e segmentado em cenas, permitindo uma análise quantitativa de ângulos, enquadramentos, iluminação e cores. Os dados foram interpretados dando ênfase aos seus aspectos imagéticos e visuais, buscando compreender como esses elementos contribuíram para suas percepções interpretativas. Para integrar a revisão de literatura com a análise cinematográfica, conectou-se as teorias de Shohat e Stam (2006) à análise das cenas, observando como os conceitos teóricos se manifestam na prática fílmica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a revisão de literatura, percebeu-se que cinco dos vinte e dois textos analisados abordam a relação entre o homem e natureza no filme Avatar (2009). Esses artigos exploram o conflito entre a exploração e a preservação ambiental. Essa dualidade ressalta a tensão entre a visão utilitarista dos colonizadores humanos e a conexão dos Na'vi com Pandora.

Shohat e Stam (2006) possuem uma abordagem que critica o colonialismo europeu. Dessa forma, a relação entre homem e natureza presente no filme pode ser entendida como uma crítica ao imperialismo. Porém, com base nos autores, o filme perpetua o que chamam de “narrativa do salvador branco”, onde a preservação de Pandora e da tribo Omaticaya dependem da intervenção de Jake Sully, um homem com características eurocêntricas que se junta à causa dos nativos. Essa representação pode parecer progressista, à primeira vista, mas ainda mantém uma estrutura colonial, onde os não ocidentais são passivos e indefesos, até que um ocidental, como Jake Sully, os salve.

A análise dos elementos cinematográficos aplicados nesta pesquisa sobre Avatar (2009) enfatiza o uso da linguagem visual, como ela aparece. Observou-se que ela colaborou para construir uma narrativa que contrapõe a artificialidade humana à natureza vibrante de Pandora. Planos mais abertos, cores saturadas e iluminação mais quente criaram uma experiência mais imersiva e destacou a dualidade entre os humanos e os Na'vi.

Em contraste, a linguagem visual contribui para a crítica ao colonialismo ao utilizar cores menos saturadas e dominadas por tons de cinza e marrom durante as cenas de destruição causadas pelos humanos. O filme busca exibir o impacto

negativo da exploração colonial ao criar uma atmosfera mais sombria e desolada durante as cenas de exploração humana em Pandora.

No entanto, é possível perceber que Shohat e Stam (2006) apontam para algumas contradições presentes em Avatar (2009). Apesar de criticar o colonialismo, há uma perpetuação de hierarquias que favorecem a centralidade de personagens que se enquadram no padrão do homem branco europeu. Na análise da linguagem cinematográfica a crítica dos autores se confirma ao se perceber que o filme se utiliza de elementos visuais para gerar empatia com Jake Sully, com o uso de closes e planos próximos no personagem, destacando suas emoções. A empatia gerada pelo filme potencializa a construção do “salvador branco” na narrativa, um fenômeno recorrente nos filmes ocidentais e também criticados por Shohat e Stam (2006). Também é possível perceber que quase todos os personagens humanos são brancos, enquanto que atores que interpretam os nativos de Pandora são de diversas origens étnicas. No entanto, essa diversidade é mascarada pelo uso de CGI, diluindo a representação de diversidade que poderia existir na narrativa.

Outra contradição apontada pelos autores é a espetacularização do “outro” presente em Avatar. Segundo Shohat e Stam (2006), o cinema ocidental frequentemente romantiza e espetaculariza povos nativos, transformando-os em objetos de fascínio para o público. Embora o filme celebre a cultura Na'vi, ele também a exibe de maneira que pode ser lida como uma exploração visual. Planos abertos muitas vezes colocam os Na'vi em cenários de beleza impressionante, que além de apresentar sua harmonia com a natureza, também os colocam como figuras exóticas em um ambiente de fantasia. As cores saturadas e luminescentes também auxiliam na criação de um fascínio visual. Dessa forma, o espectador é colocado na posição de um observador imperialista.

Na análise da linguagem cinematográfica, constatou-se que duas características abordadas na revisão de literatura são reforçadas pela linguagem visual em Avatar (2009). Os cinco artigos que discutem a relação entre homem e natureza destacam uma dicotomia entre o estilo de vida humano, que é utilitarista, exploratório e desconectado do mundo natural, e o dos Na'vi, que é mais espiritual e em harmonia com a natureza.

A utilização recorrente de planos abertos e cores saturadas nas cenas ambientadas nas florestas de Pandora evidencia a harmonia e integração dos Na'vi com a natureza. Por outro lado, planos mais fechados, como planos próximos e closes, combinados com uma paleta de cores frias, como cinza e branco, são usados nas cenas que retratam os ambientes humanos, como as instalações científicas e as naves espaciais. O uso desses elementos visuais aponta para a dicotomia entre o estilo de vida dos humanos e Na'vi apresentado na revisão de literatura.

Outro aspecto recorrente na literatura é a dicotomia entre razão e corpo presente na narrativa. Enquanto os humanos valorizam a razão, os Na'vi enfatizam a corporeidade. Isso é expresso nas técnicas visuais durante as cenas do laboratório, onde predominam os closes e planos fechados que destacam a racionalidade dos personagens humanos. Em contraste, nas cenas ambientadas na floresta, a utilização de planos americanos e de conjunto valoriza a corporeidade dos Na'vi, destacando sua integração física e espiritual com o ambiente natural.

CONCLUSÕES

Ao dialogar os autores com a estética do filme e com a revisão bibliográfica, é possível perceber que a crítica produzida por eles sobre Avatar se confirma. Tanto os elementos visuais do filme, quanto a leitura acadêmica mais comum produzida revelam que Avatar segue a tradição de construção de uma ideia dicotômica de civilização versus natureza e do herói estadunidense, fiel ao colonialismo. A crítica dos autores aos filmes de entretenimento segue atual quanto ao seu reforço ao modelo colonial e extrativista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao programa PIBIC/FA/UEM/ pelo incentivo financeiro.

REFERÊNCIAS

AVATAR. Direção: James Cameron. Produção Lightstorm Entertainment, Dune Entertainment. Estados Unidos: 20th Century Fox. 2009. (162 min.)

PENAFRIA, M. **Análise de filmes** – conceitos e metodologia(s). VI Congresso SOPCOM. Disponível em www.bocc.ubi.pt 2009.

SHOHAT, E.; STAM, R. **Crítica da imagem eurocêntrica**. Trad.: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify. 2006. p. 37-54. p. 141-198.

VANOYE, F., GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica**. 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.